

ESPECIAL



DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO:

A arquitetura e o urbanismo, em geral, constroem o ângulo reto.

O espaço habitado desenha a curva: barriga de mãe, caverna, abraço.

(...) Os projetos de arquitetura e urbanismo podem ser resolvidos nos programas de computador.

O espaço habitado demanda pessoas,

A arquitetura e o urbanismo constroem.

O espaço habitado está atento ao gesto.

Arquitetura, urbanismo, design e o espaço habitado podem convergir e discutir suas dinâmicas.*

MARIA ANGÉLICA DA SILVA

Prof. Dra. FAU/UFAL, bolsista de produtividade do CNPq,
Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem
mas.ufal@gmail.com

HABITAR O ESPAÇO. PRODUZIR COM AS MÃOS: EXPERIÊNCIAS EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO NA FAU/UFAL

*SILVA, Maria Angélica. 2014

Entre as inúmeras significações que a arquitetura pode ter, ela pode ser comparada ao ato de se dar uma pausa. Na escala do território e da cidade, a resolução de se construir um bairro, uma cidade ou um acampamento, significa uma parada. E ali edificar a pausa. Nos belos relatos de Guimarães Rosa ou de Graciliano Ramos, o homem do sertão, um dia resolve parar. Escolhe o lugar, constrói sua morada e de sua família. Uma pausa.

Esta pausa edificada significava em geral, a escolha do durável para que a casa ou a cidade permanecesse, vingasse a morte e estabelecesse um prazo de existência que superasse a passagem das gerações.

Para ficar no contexto do que nos é mais próximo, a arquitetura e o urbanismo modernos selaram um outro pacto com a escrita do espaço. A busca não mais por construir barreiras duradouras mas limites suaves. O que está fora e o que está dentro conversam. A pele da arquitetura pode ser fina, transparente, convidando a paisagem a tornar-se casa.

Para hoje, há o desafio posto pelo que é chamado, entre vários outros nomes, modernidade líquida, ou seja, uma condição humana e social onde conceitos, hábitos, valores e posturas são cambiantes. Não fixa o espaço nem prende o tempo (BAUMAN, 2001, p.8).

Uma tendência da arquitetura se fez com o mesmo nome, indiferente a uma equação que iguala forma e função, atenta à percepção humana e entendendo que o diálogo com a cidade não precisa atender apenas ao quesito da harmonia. Uma arquitetura com movimento.

Se tivéssemos num palco ou numa tenda para presenciar o combate entre o Tempo e o Espaço, hoje venceria o Tempo. Pois podemos estar em vários lugares, e o mais apto a viver melhor seria hoje, supostamente, o mais rápido ou mais aberto à mobilidade.

Figura 1: Arquitetura Líquida:
Projeto Httuu Expo - NOX.
Fonte: <http://www.nox-art-architecture.com/>





“O jogo da dominação na era da modernidade líquida não é mais jogado entre o ‘maior’ e o ‘menor’, mas entre o mais rápido e o mais lento. Dominam os que são capazes de acelerar além da velocidade de seus opositores” (BAUMAN, 2001, p. 214-215)

Há cerca de doze anos a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL buscava caminhos outros para desenhar o perfil da sua pós-graduação, o que significou repensar a própria graduação. Falou-se em “dinâmicas do espaço habitado”. As dinâmicas alertariam que a parada, a pausa arquitetônica e urbanística seria apenas um intervalo entre movimentos. Se entendemos que cidades, arquiteturas, roupas e paisagens significam não a parede, o tecido, a placa que diz “bem-vindo”, mas são inexoravelmente vinculadas a pessoas - que com seus corpos, se movimentam, pensam, sentem, transformam, se vingam do que lhes oprime e lhes impede a mudança - então arquitetura e urbanismo estão atentos às dinâmicas do espaço habitado.

O que é habitar? Estar dentro, abrigar-se como um caracol? Ou é o rastro do lento molusco, meio asqueroso, brilhando sob o sol?

Se fôssemos olhar a origem das palavras, “habitar” ela estaria bem próximo de “habitual” e se ligaria ao ato da parada, da pausa, do construir.

“Construir significa originalmente habitar.(...) A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual somos homens sobre essa terra é o Buan, o habitar. Ser homem diz: ser como um mortal sobre essa terra. Diz: habitar” (HEIDEGGER, 2006, p.127).

Para o autor, “habitar constitui o ser do homem” (HEIDEGGER, 2006, p.128). E sempre, o habitar estaria vinculado não apenas à terra, mas ao cosmos, participando de uma construção muito mais ampla, onde não falta lugar para as estrelas.

Os mortais habitam à medida que salvam a terra (...). Salvar não diz apenas erradicar um perigo. Significa, na verdade; deixar alguma coisa livre em seu próprio vigor. Salvar a terra é mais do que explorá-la ou esgotá-la. Salvar a terra não é assenhorar-se da terra e nem tampouco submeter-se à terra, o que constitui um passo quase imediato para a exploração ilimitada. Os mortais habitam à medida que acolhem o céu como céu. Habitam quando permitem ao sol e à lua a sua peregrinação, às estrelas a sua via, às estações dos anos as suas bênçãos e seu rigor, sem fazer da noite dia e nem do dia uma agitação açulada. (HEIDEGGER, 2006, p.130).

Fazendo a volta, quando a arquitetura, o urbanismo e o mundo objetual do design são vistos como construtores de ferramentas, extensões, próteses, alargamentos do corpo individual e social, estas expressões do atuar com o espaço podem estar mais atentas ao que os corpos emanam e pedem.

Um retorno das mãos, dos cheiros, das texturas, da rugosidade. Mesmo em um mundo como o atual, de telas e de olhares fixo a imagens, os dedos tiveram que aprender vários tipos de toque, bem finos, para conseguir o diálogo deslizante, por exemplo, com a superfície de um celular. Buscando a manufatura, o corpo está presente. E também todas as possibilidades de produzir coisas. Escrever, colar, imprimir expressões de vivências prévias no espaço em várias superfícies: os diários de bordo.

Figuras 2 e 3: Diários de bordo produzidos por alunos de várias turmas da disciplina de Projeto de Arquitetura I.

Fonte: Maria Angélica da Silva.

Figuras 4 e 5: Desenhos de corpo elaborados por alunos da disciplina Projeto de Arquitetura I, 2011.
Fonte: Maria Angélica da Silva

Figuras de 6 a 12: Construindo roupas - atividade da disciplina Projeto de Arquitetura I, 2013.
Fonte: Maria Angélica da Silva

Observar a arquitetura, o urbanismo, a paisagem e o design na escala do universo, não apenas significa um movimento de expansão, mas também de recolhimento. Olharmos a nós mesmos como seres do planeta. Nos vermos corpóreos.

Ver-se como corpo demanda aprendizado. Há um corpo social, que compartilhamos com outros, nos nossos hábitos, gestos. Há um corpo individual que é preciso conhecer.

A bíblia fala da expulsão do Paraíso. E a descoberta, quase simultânea, da nudez.

A roupa pode ser vista como o primeiro abrigo, a primeira arquitetura.

E o primeiro gesto para se instruir sobre o espaço habitado é ver-se como corpo. Construir uma roupa.





E se a arquitetura e a cidade se movem, pode haver um convite para uma dança. Para que o outro movimente o corpo de um novo jeito. E se surpreenda com isso.

Num destes bailados, a arquitetura, o design e a cidade podem ser constituídos de uma dimensão de cotidiano que promova ocupações ou intervenções.

Insurgências, buscar modificar o que está posto. E pensar o saber da arquitetura, a pesquisa e a construção do conhecimento como gestos que demandam disciplina, mas também a consciência da imprevisibilidade que até mesmo a pausa, mas certamente todo o movimento, anuncia.

Figuras 13 e 14: Construindo espaços habitáveis: instalação sob inspiração de moradores de rua, disciplina Projeto de Arquitetura I, 2010; intervenção na Pajuçara, Atelier Cidades, 2014.
Fonte: Maria Angélica da Silva

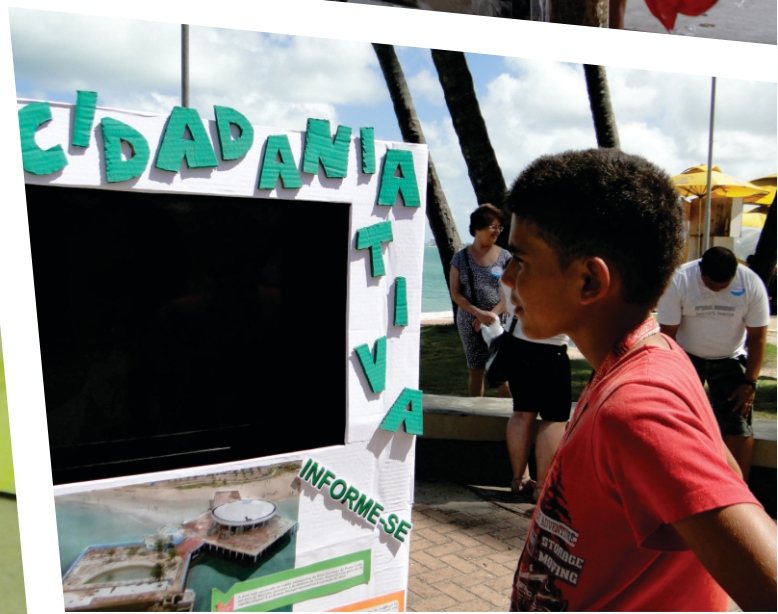




Figura 15: Cena do filme Pina
Fonte:
https://ella.files.wordpress.com/2011/04/wim_wenders_pina.jpg

Pina Bausch, coreógrafa e dançarina, desenvolveu, em 1978, uma metodologia de criação de suas peças baseada em perguntas feitas aos bailarinos que poderiam ser respondidas com sequências de movimentos, verbalmente ou a partir de uma ideia que se desenvolvia no momento em que a resposta estava sendo apresentada. A partir das respostas, a dramaturgia de suas criações ia se formando (SILVEIRA & MUNIZ, 2014, p.50). Wim Wenders, em homenagem, coloca os bailarinos da companhia de Pina a dançar na casa, nas águas, na pedra, com os animais do zoológico.

Considerar a arquitetura através do corpo, não apenas ergométrico, mas que se diferencia, que se move inusitadamente, que tem pulsões, prazer e sofrimento, abre grandes janelas para a criação. Promover que a pedra cante e que o jardim se geometrize. Que o pallet vire quadro de anúncio e a cadeira, gangorra. Se nos observarmos, veremos que nosso próprio corpo ensina que tudo se une: mente, espírito, carne.

Corpo ofegante e em lentidão. Corpo que habita, mas que, ao final, cria o espaço habitado.

O corpo, coisa mental, é a carne e seu entorno, a natureza e as coisas criadas, a voz humana e os movimentos mais inimagináveis. O corpo é o insignificante sujeito cuja existência se sustenta e faz sentido na medida em que se une a outros corpos em infundáveis pas-de-deux, desenhando e desfazendo figuras de bichos e coisas que não existem e que, por isso mesmo, nós brincamos de fazer existir. (KEHL in BOGÊA, 2001, p.51)

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRITTO, Fabiana Dultra & JACQUES, Paola Berenstein (org). *Corpocidade*. Salvador: UFBA, 2010.
- BOGÊA, Inês (org). *Oito ou nove ensaios sobre o Grupo Corpo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *A Thousand Plateaus*. Londres & Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes & Editora Universitária São Francisco, 2006.
- SILVEIRA, Juliana Carvalho Franco da & MUNIZ, Mariana Lima. "Pesquisa de campo no Tanztheater Wuppertal Pina Bausch: a construção dramatúrgica das peças" in *Repertório*, (revista eletrônica), Salvador: UFBA, nº 22, 2014.